

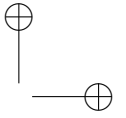
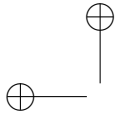
SANTO ANSELMO



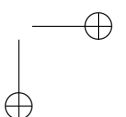
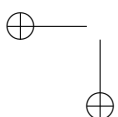
Manuel Barbosa da Costa Freitas

2004

www.lusosofia.net



Texto publicado na LUSOSOFIA.NET
com a benévola e graciosa autorização da
Editorial Verbo,
onde a obra integral do Professor
Manuel Barbosa da Costa Freitas foi editada:
O Ser e os Seres. Itinerários Filosóficos,
2 volS., Editorial Verbo, Lisboa, 2004
(1ºVol., pp. 92-96).
Este texto fora originalmente publicado na
Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia,
1ºVol., 92-96.





LUSOSofia:press

Covilhã, 2008

FICHA TÉCNICA

Título: *Santo Anselmo*

Autor: Manuel Barbosa da Costa Freitas

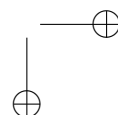
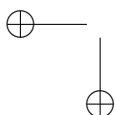
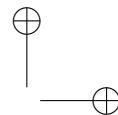
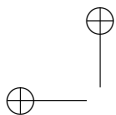
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

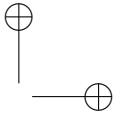
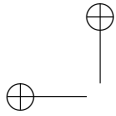
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. Silva Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2008





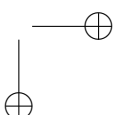
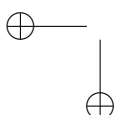
Santo Anselmo

Manuel Barbosa da Costa Freitas
Universidade Católica Portuguesa

Filósofo, teólogo, prior (1063) e abade (1078) de Bec, na Normandia, e, por último, arcebispo de Cantuária (nasceu em Aosta, em 1033/1034, faleceu no mosteiro de Bec, em 1109), uma das figuras mais humanas e atraentes de toda a Idade Média, que o agraciou com o título de *Doutor Magnífico*.

Como abade, Santo Anselmo empenhou-se na reorganização da vida monástica, distinguindo-se, dentro e fora do mosteiro, pela agudeza da inteligência, afabilidade de trato e santidade de vida. Nomeado arcebispo de Cantuária em 1093, promoveu a reforma do clero, as formas tradicionais do culto e da liturgia, lutou ardorosamente pela liberdade da Igreja na Inglaterra, o que lhe acarretou não poucos dissabores e o exílio por duas vezes.

Doutrina - Santo Anselmo continuou e desenvolveu o método rigoroso de Lanfranco, utilizando largamente a dialéctica na exposição da doutrina revelada em obediência ao princípio augustiniano *da fé à procura da inteligência (fides quaerens intellectum)*. A sua síntese doutrinal impõe-se na história do pensamento, tanto pela variedade dos temas abordados - inteligência da fé, existência e atributos de Deus, criação, rectidão, verdade e justiça, graça e liberdade, etc. - , como pela profundidade e originalidade com que são estudados. Toda a sua obra reflecte o esforço do crente que procura descobrir o



rosto de Deus tanto no mistério da sua vida íntima como nas criaturas, que são sua imagem ou ainda nos acontecimentos providenciais da história. A palavra de Deus é assumida como fonte primeira e critério último de toda a especulação anselmiana. Nas Escrituras encontra a dialética racional o seu ponto de apoio, o seu estímulo e a sua garantia. Por sua vez, o movimento dialético é alimentado pela exigência de rectidão, de tal modo que a fórmula já referida se pode converter nesta outra não menos significativa - a fé à procura da sua rectidão (*fides quaerens rectitudinem*). Esta ideia, colhida, ao que parece, em São Gregório Magno, surge expressamente formulada no diálogo *Sobre a verdade*, redigido pouco depois do *Proslogion*, em íntima conexão com as ideias de verdade e de justiça em Deus e nas criaturas. A partir desta intuição primeira e fundamental, Santo Anselmo construiu uma síntese em que filosofia, teologia e espiritualidade se conjugam harmonicamente na construção da sabedoria cristã. Importa salientar, no entanto, que ao conceder estatuto racional às verdades da fé, Santo Anselmo teve em vista não tanto construir uma apologética como, sobretudo, satisfazer o ardor da contemplação. Por diversas vezes e em diversos lugares deparamos com o princípio do crer para compreender e do compreender para mais e melhor amar. Este ardor de contemplação mística explica a procura para os mistérios da fé não já de razões de simples conveniência, mas de “razões necessárias”. Contudo, importa não esquecer que a confiança depositada na razão é sempre determinada e medida pela solidez da fé. Precisamente, o mérito de Santo Anselmo reside no perfeito equilíbrio que soube manter entre a natureza e a graça, entre a razão e a fé. Na exposição da doutrina sobre Deus tal como se encontra no *Monologion*, Santo Anselmo segue de perto o *De Trinitate* de Santo Agostinho. Baseado no princípio de causalidade aplicado à multiplicidade dos seres e aos graus de bondade, Santo Anselmo conclui: a) a existência de um Bem supremo, fonte única de todos os bens; b) a existência de um Ser soberano que, existindo por si, produz todos os outros seres; c) a existência de um Ser absolutamente per-

feito que confere aos seres imperfeitos a sua relativa perfeição. Estes três atributos ou perfeições convergem num único e mesmo Ser absoluto e necessário, que é Deus. No entanto, a complexidade destes três argumentos não satisfaz plenamente Santo Anselmo, que continua a ensaiar uma demonstração que não se baseie em qualquer outra e que seja suficiente para estabelecer ao mesmo tempo a existência de Deus, a sua natureza... e, enfim, o conjunto de todas as verdades antecipadas pela fé. É assim que no *Proslogion*, a obra que mais o celebrou no mundo filosófico, se formula uma demonstração baseada na presença imediata e irrecusável em toda a inteligência humana da ideia de um ser tão perfeito que não é possível pensar outro mais perfeito do que ele. Um tal ser só pode ser pensado sem contradição se existir simultaneamente no espírito e na realidade. A natureza da sua perfeição é tal que ela mesma contém a razão da sua existência. A todas as tentativas de refutação deste argumento, conhecido por argumento *a priori* ou *ontológico* (Kant), produzidas ao longo da história e fundamentalmente baseadas numa alegada passagem ilegítima do plano das ideias para o plano da realidade, Santo Anselmo poderá sempre responder, como já respondera a Gaunilo, seu primeiro adversário, que o argumento só vale no caso único e privilegiado do Ser supremo e, por isso mesmo, incomparável. Seja qual for a posição que se tome a seu respeito, será sempre de ter em conta não só o seu contexto, mas sobretudo o clima mental e espiritual que o repassa e de que parece ser a expressão mais acabada. O recurso aqui à ideia de rectidão parece-nos não só útil, mas até necessário para bem avaliarmos do seu sentido e alcance. Certo é que, sendo Deus a verdade absoluta, a causa primeira de todos os seres, exige ser visto e pensado rectamente, isto é, a partir de Si mesmo. Apesar das arremetidas dos adversários, Santo Anselmo mostrou sempre uma confiança inabalável na inclusão do real no nocional no caso único de Deus que avulta, a seus olhos, como grandeza inexcedível e absolutamente incomparável.

Na mesma perspectiva de rectidão são entendidos os problemas gnosiológicos e éticos. Com efeito, Santo Anselmo define a verdade como rectidão ontológica, a qual, dentro do plano criador, é a razão de ser de todos os seres. A alma humana sente-se, por natureza, inclinada ao conhecimento da verdade e à prática do bem, ou melhor, da justiça. Enquanto a verdade lógica é uma rectidão “só perceptível pelo espírito” (*Sobre a verdade*, c. 11), a justiça “é a rectidão da vontade observada por si mesma” (*id.*, c. 12), ou seja, desinteressadamente. A vontade livre será tanto mais verdadeira ou rectamente ordenada quanto mais se conformar com a vontade de Deus; agindo desse modo, o homem alcançará a felicidade como fruto natural e espontâneo da justiça.

Ao problema da harmonização da vontade divina com a liberdade humana dedicou Santo Anselmo um tratado completo sob o título de *Sobre o acordo da presciência, da predestinação e da graça de Deus com o livre arbítrio*. A presciência de Deus é uma presença eterna: Deus vê, desde toda a eternidade, como “futuro livre” e não como “futuro necessário”, o comportamento da liberdade humana; as nossas categorias temporais é que, por vezes, falseiam as perspectivas. O que fica dito da presciência vale também da predestinação à salvação, a qual, por isso mesmo, não violenta a liberdade, mas constitui uma sua componente essencial. Também a harmonia da graça e da liberdade se compreende e explica pelo facto de a liberdade ter como função essencial receber e conservar a graça - é a graça que confere à liberdade humana não só a sua rectidão inicial, mas também a rectidão dos seus progressos e do seu termo ou perfeição na medida em que “previne, acompanha e termina” todo o processo da nossa liberdade (*Sobre o acordo [...] , 9. 3, c. 6*).

A influência de Santo Anselmo é já visível a partir da segunda metade do século XII, mas torna-se particularmente dominante em todo o século XIII. Entre os autores mais célebres que frequentemente se lhe referem contam-se Abelardo, São Bernardo, Ricardo de São Vítor, São Tomás e, sobretudo, os grandes mestres da escola

franciscana, como Roberto Grossatesta, Alexandre de Hales, São Boaventura e Duns Escoto, que nele descobriram o segredo da conciliação de Aristóteles com Santo Agostinho. Certo é que à morte de São Boaventura, Santo Anselmo é já um clássico da Filosofia e da Teologia, o qual, pela introdução da dialética na explanação da fé, bem merece ser considerado o pai da escolástica. As relações entre a fé e a razão, bem como algumas das suas fórmulas mais incisivas - por exemplo, *Credo ut intelligam*, *Deus uno eodemque verbo dicit seipsum et quaecumque fecit*, *Deus est id quo maius cogitari non potest*- constituirão temas fundamentais de toda a especulação escolástica que as irá precisar e desenvolver. Por sua vez, o argumento do *Proslogion* continua a seduzir e a desconcertar a inteligência de sucessivas gerações, que não se cansam de exercer a sua acuidade mental na tentativa sempre renovada de o defender ou refutar. Cabe aqui mencionar, pela sua penetração e originalidade, as interpretações contemporâneas de P. Vignaux, de J. Moreau, de E. Gilson e de K. Barth.

Obras principais: *Monologion*, tratado sobre Deus que, pelo largo uso da razão, constitui momento decisivo na génese da teologia escolástica; *Proslogion*, o mais célebre de todos os tratados de Santo Anselmo, no qual, sob forma de oração contemplativa, se desenvolve o argumento dito ontológico; *Do Gramático*, exercício de lógica aristotélica para uso dos estudantes; *Sobre a verdade e sobre a queda do diabo*; *Epístola sobre a Encarnação do Verbo*; *Cur Deus homo*; *Meditações sobre a redenção do homem*; *Sobre a concepção virginal e o pecado original*; *Sobre a processão do Espírito Santo*; *Sobre o acordo da presciência, da predestinação e da graça de Deus com o livre arbítrio*; mais de 400 cartas, redigidas entre 1070 e 1109, com preciosos elementos autobiográficos e de testemunho espiritual.

Edições e traduções: C. Ottaviano, *Opere filosofiche* (3 vols.), Lanciano, 1928; F. S. Schmitt, *Opera Omnia* (6 vols.), Edimburgo,

1946-1961 (o primeiro em Secovii, 1938); P. Rousseau, *Oeuvres philosophiques de Saint Anselme*, Paris, 1947; Moschetti, *Monologion e Proslogion*, Pádua, 1959; G. Sandri, *Il Proslogion, le Orazioni e le Meditazioni*, Pádua, 1959; Anselme de Cantorbéry, *Pourquoi Dieu s'est fait homme*, Paris, 1963; id., *L'Oeuvre d'Anselme de Cantorbéry*, ed. bilingue sob a direcção de Michel Corbin, até ao presente: *I Monologion et Proslogion*, Paris, 1986; *II Le Gramairien. De la liberté. La liberté du choix. La chute du diable*, Paris, 1986; *Pourquoi Dieu s'est fait home*, 1988; BAC (2 vols.), Madrid, 1964.

Bibliografia: Eadmer, “Historia Novorum”, em *Anglia et Opuscula duo de vita sancti Anselmi et quibusdam miraculis eius*, Londres, 1884; F. Van Stenenberghen, “Pour ou contre l’insensé”, em *Revue Philosophique de Louvain* (1908) 267 ss.; J. Bainvel, “Anselme de Cantorbéry”, em *Dictionnaire de Théologie Catholique*, Paris, 1923; Alexandre Koyré, *L’idée de Dieu dans la philosophie de Saint Anselme*, Paris, 1923; Michel Corbin, “De l’impossible en Dieu”, em *Revue des Sciences Philosophiques et théologiques* (1928) 523 ss.; id., *L’Inoui de Dieu*, Paris, 1980; id., “Dieu au plus haut des cieux”, em *Nouvelle Revue Théologique*, 104 (1982) 175-188; id., “Cela dont plus grand ne puisse être pensé”, em *Anselm Studies I*, Londres (1983), p. 59-84; id., “Négation et transcendance dans l’oeuvre de Denys”, em *Revue des Sciences Philosophiques et théologiques*, (1985) 25-49; id., “Essai sur la signification de l’unum argumentum du Proslogion”, em *Revue de l’Institut catholique de Paris*, 16 (1985) 25-49; E. Gilson, “Sens et nature de l’argument de Saint Anselme”, em *Archives d’histoire doctrinale et littérature du Moyen Âge*, 14 (1934) 5-51; Anselm Stoltz, “Das Proslogion des Heiligen Anselm”, em *Revue bénédictine*, 47 (1935) 331-347; Paul Vignaux, “Structure et sens du Monologion”, em *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 31 (1947) 192-212; id., “Saint Anselme, Barth et au-delà”, em *Les Quatres Fleuves*, Paris (1973), p. 83-95; id., *De Saint Anselme à Luther*, Paris, 1976; id., “Neces-

sité des raisons dans le Monologion”, em *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, 1 (1980) 3-26; Henri Bouillard, *Karl Barth*, III, Paris, 1957; id., “La preuve de Dieu dans le Proslogion et son interprétation par Karl Barth”, em *Specilegium Beccense*, I, p. 191-208; F. S. Schmitt, “Intorno all’*Opera omnia*, di S. Anselmo”, em *Sophia* (1959) 220-231; Xavier Tilliette, “L’argument ontologique et l’histoire de l’onto-théologie”, em *Archives de Philosophie*, 25 (1962) 128-149, e 26 (1963) 90-116; R. W. Southern, *St. Anselm and his Biographer*, Cambridge, 1963; Robert Pouchet, *La Rectitudo chez Saint Anselme*, Paris, 1964; id., *Saint Anselme, un croyant cherche à comprendre*, Paris, 1970; Joseph Moreau, *Pour ou contre l’insensé?*, Paris, 1967; Hans Urs von Balthasar, *La gloire et la Croix*, II, Paris, 1968, p. 193-235; Coloman Viola, “La dialectique de la grandeur. Une interprétation du Proslogion”, em *Recherches de théologie ancienne et médiévale*, XXXVII (1970) 23-55; Jules Vuillemin, *Le Dieu d’Anselme et les apparences de la raison*, Paris, 1971; Helmut Kohlenberger, *Similitudo und Ratio*, Bona, 1972; Henri de Lubac, “Seigneur, je cherche ton visage”, em *Archives de Philosophie*, 2 e 3 (1976) 201-226 e 407-426; Gilian Evans, *Anselm and Talking about God*, Oxford, 1978; Yves Cattin, *La Preuve de Dieu. Introduction à la lecture du Proslogion de Anselme de Canterbury*; Briancesco, *Un triptyque sur la liberté*, Paris, 1982; Paul Gilbert, *Dire l’ineffable, Lecture du Monologion de Saint Anselme*, Paris, 1984; *Specilegium Beccense II* (4^o congresso anselmiano), Paris, 1984; Karl Barth, *Saint Anselme, Fides quaerens intellectum, La preuve de l’existence de Dieu*, Genebra, 1985; André Cattin, “Saint Anselme au départ de l’aventure européenne de la raison”, em *Specilegium Beccense II*, p. 611-622; Martin Rule, *Rerum Britannicarum Medii Aevi Scriptores*.